

Violência racial em *Ghost Boys* e desafios da educação antirracista

Camila Alves¹ 

Geniane Diamante Ferreira Ferreira² 

Resumo

O presente estudo analisa a obra literária *Ghost Boys*, de Jewell Parker Rhodes, sob a lente crítica da violência racial e da construção de identidades. A história do personagem Jerome, um menino negro morto pela polícia, tece uma narrativa que cruza real e imaginário, passado e presente, revelando marcas profundas do racismo estrutural na sociedade americana. A pesquisa investiga como a obra contribui, no ambiente escolar, para o debate sobre violência policial e desigualdade racial, abordando: a identidade de Jerome e sua experiência como vítima de racismo; a perpetuação do racismo no imaginário coletivo; a preservação da memória na luta por justiça e o papel da literatura na conscientização racial por meio da educação.

Palavras-chave: Literatura e Educação; Racismo; Identidade Cultural.

Abstract

Racial violence in ghost boys and challenges of anti-racist education

This study analyzes the literary work *Ghost Boys* by Jewell Parker Rhodes through a critical lens of racial violence and identity construction. The story of Jerome, a Black boy killed by the police, develops a narrative that intertwines reality and imagination, past and present, revealing deep marks of structural racism in American society. The research examines how the novel contributes, in the school environment, to the debate on police violence and racial inequality, addressing: Jerome's identity and experience as a victim of racism; the perpetuation of racism in the collective imagination; the preservation of memory in the struggle for justice; and the role of literature in raising racial awareness through education.

Keywords: Literature and Education; Racism; Cultural Identity.

Resumen

Violencia racial en Ghost Boys y desafíos de la educación antirracista

El presente estudio analiza la obra literaria *host Boys*, de Jewell Parker Rhodes, desde una perspectiva crítica de la violencia racial y la construcción de identidades. La historia del personaje Jerome, un niño asesinado por la policía, teje una narrativa que cruza real y lo imaginario, el pasado y el presente, revelando profundas huellas del racismo estructural en la sociedad estadounidense. La investigación examina cómo la obra contribuye, en el ámbito escolar, al debate sobre la vio-

¹ Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR, Brasil.

² Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR, Brasil.

lencia policial y la desigualdad racial, abordando: la identidad de Jerome y su experiencia como víctima del racismo; la perpetuación del racismo en el imaginario colectivo; la preservación de la memoria en la lucha por la justicia y el papel de la literatura en la concienciación racial a través de la educación.

Palabras clave: Literatura y Educación; Racismo; Identidad Cultural.

Introdução

Everyone needs their story heard. Felt. We honor each other. Connect across time³
(Jewell Parker Rhodes, *Ghost Boys*, 2019).

Sob a perspectiva histórica, registros coletivos e individuais contribuem para preservar a memória coletiva e construir uma história mais completa e plural. Para grupos historicamente marginalizados, como minorias raciais e étnicas, dar voz às próprias histórias é um ato de resistência e empoderamento, permitindo que suas narrativas sejam ouvidas e reconhecidas. Além disso, as histórias podem ser contadas por outras perspectivas (como a das vítimas) que, muitas vezes, não chegam ao conhecimento de todos, pois apenas uma versão é autorizada. É o que defende Chimamanda N. Adichie (2009), ao alertar para o perigo da história única. Do ponto de vista acadêmico, a importância desse processo reflete-se na necessidade de enriquecer a análise e a compreensão de fenômenos sociais, políticos e culturais. Na perspectiva de bell hooks (2021, p. 198), ao tratar da narrativa confessional e da inclusão da experiência pessoal na pedagogia libertadora, comprehende-se que “o ato de partilhar narrativas pessoais, ligando-as ao conhecimento acadêmico, aumenta nossa capacidade de conhecer. Acima de tudo, narrar a própria história é validar sua existência e criar sentido para sua trajetória”.

No romance *Ghost Boys* de Jewell Rhodes (2019) Jerome, personagem principal e narrador, é um menino negro de 12 anos vivendo em uma comunidade pobre de Chicago. Ele é apresentado ao leitor logo no início da narrativa, após ser atingido por um disparo por um policial branco. Já morto, Jerome narra sua própria jornada, que começa a partir do fim de sua vida.

O menino sem vida encara seu corpo ensanguentado no chão. Diante da tragédia, alguns gritam, outros filmam ou fotografam, outros apenas observam: “Agora,

³ “Todos precisam que sua história seja ouvida. Sentida. Nós honramos uns aos outros. Conectamo-nos através do tempo” (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p. 161, tradução nossa).

“eu sou famoso” (Rhodes, 2019, p. 4), constata Jerome. *Ghost Boys* é uma narrativa que se concentra no assassinato de seu personagem narrador, mas sua história se entrelaça com a de diversos meninos cujas histórias não foram contadas por si mesmos, jovens marcados pela violência e pelo racismo ainda presente nos discursos, poderes e nos sistemas.

Chicago Tribune

OFFICER: “I HAD NO CHOICE!”

*Jerome Rogers, 12, shot at abandoned Green Street lot. Officer says, “He had a gun”*⁴.

O fragmento acima apresenta a passagem do livro que noticia a morte do personagem em um jornal local chamado *Chicago Tribune*. O recorte revela como a narrativa de Jerome foi contada. Segundo Teun A. Van Dijk (2008), os discursos dominantes na sociedade são construídos por quem detém poder nas esferas política, midiática, educacional e acadêmica, possuindo a capacidade de determinar o que é visto como legítimo ou “verdadeiro” na narrativa social: Além disso, não é o suplente de um político, um modesto repórter ou um professor comum quem define os discursos dominantes, mas os líderes dos grupos dominantes, ou seja, aqueles que determinam a direção ideológica na política, estabelecem a linha editorial na mídia, desenvolvem o currículo dos livros didáticos e da educação, bem como formulam as prioridades da pesquisa acadêmica ou investigação judicial (p. 16).

Diante dessa perspectiva, a declaração do personagem *Officer Moore*, o policial que atingiu Jerome, ao afirmar que “não teve escolha”, ilustra como uma frase breve pode ser prontamente legitimada como justificativa, revelando um discurso marcado pelas estruturas de poder e facilmente assimilado pelo público como a narrativa oficial dos fatos. Em contraste, observa-se o processo longo e complexo enfrentado pela vítima para validar sua narrativa e desafiar a versão oficial dos fatos. A perspectiva de Jerome, assim como a de tantos outros indivíduos cujas narrativas são silenciadas, omitidas ou distorcidas, demonstram como a nossa percepção é controlada pelos discursos dominantes, reforçando, assim, a perpetuação de preconceitos e estereótipos, especialmente em casos envolvendo minorias raciais.

⁴ “Oficial (policial): ‘Eu não tive escolha!’. Jerome Rogers, 12, baleado em terreno abandonado na rua Green. Oficial diz ‘Ele tinha uma arma’” (Tradução nossa).

Além das estruturas de poder que moldam as narrativas, outros meios de aquisição ideológica e prática do racismo são observáveis. Ainda de acordo com Van Dijk (2008), o racismo não é uma habilidade inata. Seu processo de aquisição, construído através de seus pares, é “[...] baseado na conversação e no contar de histórias diárias, nos livros, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV, nos estudos científicos, entre outros” (p. 15).

Neste sentido, percebemos que o que é visto como “realidade” é determinado ou moldado pelas ideologias daqueles que estão no poder, que acabam perpetuando no imaginário coletivo as falácias e os estereótipos que marcam as minorias marginalizadas.

Na obra de Rhodes, a experiência individual de Jerome se conecta a um cenário mais amplo de injustiça racial e violência policial, mostrando como a morte de jovens negros nos Estados Unidos não é um caso isolado, mas parte de um padrão histórico de discriminação. Robert Wald Sussman (2014), ao tratar da história e persistência do preconceito de raça nos Estados Unidos e Europa ocidental, explora como esse conceito continua a influenciar as relações sociais e políticas, delimitando as experiências sociais e pessoais das minorias:

Há poucos homens afro-americanos que nunca tiveram a experiência de atravessar a rua e ouvir as travas das portas dos carros sendo acionadas... São muito poucos os afro-americanos que nunca passaram pela experiência de entrar em um elevador e ver uma mulher segurando a bolsa nervosamente e prendendo a respiração até ter a chance de sair (p.306, tradução nossa).⁵

Após a sua morte, Jerome testemunha os relatos de outras vítimas da brutalidade racial, como a história de Emmett Till⁶, um garoto afro-americano de 14 anos barbaramente assassinado após ter sido acusado de ofender uma mulher branca, revelando as cicatrizes profundas deixadas pela intolerância e a importância da memória coletiva na busca por justiça e mudança social. Emmett é o personagem encarregado de guiar Jerome em sua jornada, revelando o quanto passado e presente permanecem

⁵ “*There are very few African American men who haven’t had the experience of walking across the street and hearing the locks click on the doors of cars... There are very few African Americans who haven’t had the experience of getting on an elevator and a woman clutching her purse nervously and holding her breath until she had a chance to get off*”.

⁶ Emmett Louis Till (1941–1955) foi um adolescente afro-americano sequestrado, torturado e linchado no Mississippi após ser acusado de ofender uma mulher branca, Carolyn Bryant. O caso gerou grande repercussão, pois os assassinos, Roy Bryant e J.W. Milam, foram absolvidos.

conectados pela violência racial. Juntos, os personagens percorrem um caminho que não se limita à dor, mas também se abre para a esperança, evidenciando como a resistência e a união são fundamentais para desafiar e desconstruir sistemas de opressão.

Percorremos, ao longo dos capítulos de *Ghost boys*, uma jornada de reflexão sobre o significado de ser um indivíduo negro em uma sociedade racista, sob o ponto de vista de seu protagonista. Rhodes dá voz, também, aos meninos silenciados, vítimas da violência racial ao longo da história. Nos capítulos alternados entre *Dead* e *Alive* acompanhamos a jornada de Jerome na busca da compreensão da sua vida e morte e os impactos da sua trágica partida entre os que ficaram. A alternância entre os capítulos configura-se com um recurso narrativo de grande relevância. Em um primeiro momento, a alternância entre *dead* e *alive* conta passagens da vida do personagem contrapostas com suas percepções depois de sua morte. Além disso, podemos pensar na instabilidade da existência de pessoas negras, sempre no limiar entre a vida e a morte, em perigo. Assim, a estrutura do livro é usada para tematizar o conteúdo, essa precariedade, nas palavras de Butler (2004), o que torna a obra ainda mais rica.

Esse tema é caro às discussões de raça e poderíamos citar alguns exemplos, mas aqui nos atemos à obra *Mar Aberto* (de 2021, traduzida para o português brasileiro em 2024), de Caleb Azumah Nelson, pois ela deixa bastante evidente tal precariedade e, semelhantemente, em relação à polícia, assim como em *Ghost Boys*. Excertos como “Essa existência é precária e sua vida pode acabar facilmente a qualquer momento.” e “[...] de fato a liberdade é a distância entre o caçador e a presa.” (Nelson, 2024, kindle s.p.) também mostram a existência de pessoas negras sempre no limiar entre a vida e morte. É acerca desse tema que pretendemos debater.

Dead

I stoop and stare at my face, my right cheek flattened on concrete. My eyes are wide open. My mouth too. I'm dead.

Ghost Boys é uma história narrada por um personagem fantasma que interage com seus semelhantes. Para Iser (2002), a narrativa ficcional revela uma realidade social, manifestando-se no âmbito sentimental e emocional. Nessa trama, as experiências

⁷ “Eu me abixo e olho para o meu rosto, minha bochecha direita achatada no concreto. Meus olhos estão bem abertos. Minha boca também. Estou morto” (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p.3, tradução nossa).

compartilhadas revelam convenções históricas e culturais que tanto o autor quanto o leitor reconhecem. Sob essa ótica, o entrelaçamento entre o real e o fictício revela, por meio da literatura, um mundo reconhecível, atuando como um mecanismo que ajuda o leitor a interpretar a sua própria existência, buscando novas formas de entendimento e percepção deste mundo real: “Se o fictício nos possibilita nos irrealizarmos para garantir à irrealidade do mundo do texto a possibilidade de sua manifestação, então, pelo menos estruturalmente, nossa relação com o mundo do texto terá o caráter de acontecimento” (Iser, 2002, p. 979). Assim, a experiência imaginária do leitor se conclui no reconhecimento, através da literatura, de um mundo real.

Tal perspectiva, também incorporada por Umberto Eco (2009), nos leva a penetrar a história de Jerome e dos outros meninos fantasma, aceitando-a como um “acordo ficcional” que nos permite reconhecer na narrativa a conexão existente entre as fronteiras entre os mundos, levando-nos a reconhecer que: “[...] para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real. Em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo” (Eco, 2009, p.89).

O grande pano de fundo ficcional encontrado na narrativa de Jerome desperta o mais real (e cruel) dos mundos: aquele marcado pelos processos discriminatórios que caracterizam a sociedade e alteram não apenas as experiências emocionais desses indivíduos, mas toda sua trajetória social.

Em seu pós-vida, Jerome precisa lidar com os fatos que antecederam a sua morte, em um processo de catarse, confrontando seus sentimentos de dor, raiva, luto e refletindo sobre os impactos da sua morte para as pessoas ao seu redor, sua família, sua comunidade e até mesmo a família do policial que o vitimou.

No justice, no Peace

He was a man. A dangerous man⁸.

Durante a dura jornada de Jerome, acompanhamos o menino na busca da compreensão de estereótipos de raça construídos na narrativa social que atravessam não

⁸ “Ele era um homem. Um homem perigoso” (Jewell Parker Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p. 51).

apenas os julgamentos pessoais, mas estruturam toda uma rígida organização social, política e judicial.

Os impactos de uma sociedade marcada pelo racismo sistêmico determinam não somente as experiências pessoais dos indivíduos marginalizados, mas também leis e políticas que resultam em injustiça, desigualdade, falta de oportunidade e bem-estar. Essa concepção, também contemplada por Blank, Dabady e Citro (2004, p. 225), ao se referirem ao efeito da discriminação cumulativa, defende que “A discriminação tem efeitos cumulativos quando um incidente discriminatório afeta não apenas o resultado imediato, mas também os resultados futuros na própria vida ou nas gerações seguintes”⁹. A percepção dos autores demonstra como a discriminação se perpetua através de um processo dinâmico e sistemático que ocorre ao longo do tempo e em várias áreas.

Em diferentes passagens do livro, na descrição do policial, Jerome é retratado como “grande, corpulento e assustador”, Sussman (2014), ao questionar: “Como a raça é definida em termos biológicos?”, expõe que o conceito biológico de raça, muitas vezes usado para legitimar e perpetuar práticas racistas, é uma construção social, uma vez que pode ser amplamente desmentida pela ciência moderna. O autor também dialoga sobre a persistência da discriminação institucionalizada e como ela percorre e altera a trajetória individual e coletiva dos indivíduos desfavorecidos:

O racismo faz parte do nosso cotidiano. Onde você mora, onde você estuda, seu trabalho, sua profissão, com quem você interage, como as pessoas interagem com você, e seu tratamento nos sistemas de saúde e de justiça são todos afetados por sua raça (Sussman, 2014, p. 2, tradução nossa)¹⁰.

Durante as audiências acompanhadas por Jerome em seu pós-vida, observa-se o impacto do racismo, evidenciado em um julgamento que transfere a culpa à vítima, cuja única “ofensa” é ser um indivíduo negro em uma sociedade que o nega como igual. Elementos do julgamento do policial Moore destacam como estereótipos racializados

⁹ “Discrimination has cumulative effects when a discriminatory incident affects not only the immediate outcome but also future outcomes in one’s own lifetime or in later generations” (Blank, Dabady, Citro, 2004, p.225).

¹⁰ “Racism is a part of our everyday lives. Where you live, where you go to school, your job, your profession, who you interact with, how people interact with you, your treatment in the healthcare and justice systems are all affected by your race”.

moldam valores socialmente construídos e impõem critérios desiguais à comunidade negra. Embora Jerome portasse uma arma de brinquedo, a narrativa mostra que ele foi atingido pelas costas, sem aviso prévio, tendo seu direito ao socorro negligenciado. Ainda assim, segundo o tribunal, devido à “ausência” de evidências de força excessiva e sob a prerrogativa do difícil trabalho de um policial, o acusado não é sentenciado (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p. 138).

A discriminação no sistema judicial revela falhas profundas: “Em comparação com os brancos, os negros e outros grupos desfavorecidos têm muito mais probabilidades de serem presos e condenados a períodos mais longos de encarceramento” (Torny, 1996, como citado em Blank et al., 2004, p.230, tradução nossa)¹¹. Tal constatação, também descrita por Bachman (1996, como citado por Blank et al., 2004, p.231) mostra que, de acordo com o Conselho Nacional de Pesquisa e Instituto de Medicina, a polícia responde mais rapidamente a assaltos e agressões cometidos por um agressor negro contra uma vítima branca do que aos mesmos crimes cometidos contra uma vítima negra ou por um agressor branco. É também o que testifica Sussman (2014, p. 306) que afirma que a comunidade afro-americana tem sido historicamente submetida a práticas policiais discriminatórias, resultando em um desequilíbrio significativo no sistema de justiça criminal.

A história de Jerome não é única, ela revela a repetição de padrões que marcam a história de uma sociedade que ainda não foi capaz de rever suas falhas e aprender com o passado. Em *Ghost Boys*, histórias comuns de injustiça se revelam, a exemplo de Trayvon Martin, assassinado em 2012, na Flórida, pelo vigilante George Zimmerman, posteriormente inocentado na Justiça¹². O caso de Martin, cujo moletom com capuz usado no dia do seu assassinato tornou-se um símbolo de resistência¹³, revela generalizações atribuídas a meninos negros, cujo vestuário reforça o estigma da criminalidade. A morte de Martin provocou também a ascensão do movimento

¹¹ “Compared with whites, blacks and other disadvantaged groups are much more likely to be sent to prison and sentenced to longer periods of incarceration”.

¹² Trayvon Martin, 17 anos, foi morto a tiros no dia 26 de fevereiro de 2012, enquanto voltava para a casa de seu pai em Sanford, Flórida. O vigilante voluntário George Zimmerman, que patrulhava a área, atirou em Trayvon, alegando legítima defesa. Fonte: Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida (2012).

¹³ O casaco com capuz (*hoodie*) que Trayvon Martin usava no momento de seu assassinato tornou-se um símbolo central no debate sobre racismo e estereótipos nos Estados Unidos. Fonte: Elan (2021).

*Black Lives Matter*¹⁴ nos Estados Unidos, reforçando a necessidade de debates sobre a injustiça racial, direitos civis e responsabilização pelas vidas negras injustamente interrompidas. Ainda sobre o caso de Martin, Sussman (2014, p.306) apresenta uma declaração do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, ao constatar que: “Trayvon Martin poderia ter sido eu há 35 anos”. Obama observou ainda que a história do racismo em desfavor da comunidade afro-americana é uma história que insiste em persistir, revelando que tais padrões permanecem, ainda que de formas distintas, inabaláveis, não apenas na sociedade americana, mas no mundo como um todo.

Alive

*We Walk to school. Not too fast like we're running; not too slow like we're daring someone to stop us*¹⁵.

A história de Jerome é contada em seu pós-vida, e é por essa lente que conhecemos sua família. Os laços familiares formam um pilar central da narrativa, mostrando a luta de uma família pobre na criação dos filhos em um bairro segregado, marcado pela violência e exclusão. Ao longo dos capítulos, acompanhamos a vida de Jerome e sua relação com os familiares – pai, mãe, irmã mais nova e avó –, destacando a importância desses vínculos. Outro laço relevante é a amizade com Carlos, o menino latino-americano recém-chegado de San Antonio, Texas. Carlos é quem entrega a arma de brinquedo a Jerome. De acordo com as afirmações de Brugge (2010), em Sussman (2014, p. 285, tradução nossa), “Em meados da década de 1990, a oposição à imigração tornou-se uma parte importante da agenda do Partido Republicano. Imigrantes, especialmente aqueles vindos do México, se tornaram um inimigo na estratégia eleitoral do partido”¹⁶. Nesse cenário, Carlos é mais um personagem à margem do

¹⁴ O movimento *Black Lives Matter* foi criado em 2013, após a absolvição de George Zimmerman, acusado de matar Trayvon Martin. A hashtag #blacklivesmatter deu origem ao movimento que denuncia o racismo e a violência policial contra pessoas negras. Fonte: BBC News (2020).

¹⁵ “Nós caminhamos para a escola. Não tão rápido como se estivéssemos correndo; não muito lento, como se estivéssemos desafiando alguém a nos impedir” (Jewell Parker Rhodes, *Ghost Boys*, p. 14, tradução nossa).

¹⁶ “In the mid-1990s, opposition to immigration became a major part of the Republican Party agenda. Immigrants, especially those who came from Mexico, became an enemy in the party’s electoral strategy” (Brugge 2010, apud Sussman, 2014 p. 285).

sistema social americano. Na narrativa, observamos o quanto as categorizações raciais alteram a percepção sobre a própria existência desses indivíduos: “Em Chicago, algumas crianças falam espanhol em casa, nunca na escola” (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p. 36, tradução nossa)¹⁷. Essa experiência molda a percepção de mundo e valores atribuídos a esses sujeitos, reforçando as barreiras sociais que os separam dos outros.

Nas interações entre Carlos e Jerome, o leitor percebe a importância da empatia e da amizade entre dois sujeitos que buscam estratégias de sobrevivência em uma sociedade segregada. Eles se reconhecem na exclusão e no sofrimento enfrentado por crianças marginalizadas, afastadas do núcleo social e do convívio cotidiano, inclusive na vida escolar. O *bullying* tem papel central na narrativa. É preciso compreender como cada ação discriminatória impacta a trajetória dos oprimidos, que buscam mecanismos de defesa diante da opressão. Em um ato de defesa, Carlos usa a arma de brinquedo para afastar seus agressores e, movido pelo instinto de proteção, espera que ela possa proteger Jerome. No entanto, a ação resulta na morte do amigo. A história de Carlos ganha contornos profundos: ele carrega não só a dor da perda, mas também o peso da culpa, sentindo-se, de alguma forma, responsável pelo trágico destino de Jerome.

Ghost boys

*A shadow. Then, another. And another. Another and another. Hundreds, thousands of ghost boys standing, ever still, Looking up, through the window into our souls*¹⁸.

Em *Ghost Boys*, a jornada dos meninos fantasma, histórias que entrelaçam passado e presente. Histórias de meninos que, como Jerome, foram sentenciados por sua cor. Emmett revela que cada menino fantasma interage com alguém que pode vê-los, pessoas capazes de enxergar além do mundo material, cuja responsabilidade é romper o ciclo de violência e opressão. Os meninos fantasma não descansam; permanecem na memória coletiva como um alerta urgente para a ação, clamando para que suas mortes

¹⁷ “In Chicago, some kids speak Spanish at home, never at school”.

¹⁸ “Uma sombra. Então, outra. E outra. Outra e outra. Centenas, milhares de meninos fantasmas parados, imóveis, olhando para cima, através da janela, para dentro de nossas almas” (Jewell Parker Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p. 95, tradução nossa).

não sejam em vão: “Preciso ajudar os mortos a falarem” (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p.191, tradução nossa), afirma Emmett.

Ao contar suas próprias narrativas, os meninos fantasma rompem com o ciclo de invisibilidade imposto por uma sociedade que muitas vezes se recusa a ouvir suas vozes. Tal ação permite que suas dores não sejam apenas um ato pessoal, mas um grito coletivo que ecoa contra as injustiças raciais e sociais: “Eu comprehendo que meninos fantasma, milhares de meninos fantasma, estão tentando mudar o mundo. É por isso que não dissemos adeus”, declara Jerome (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p.190, tradução nossa)¹⁹.

Rhodes, ao explicar a existência dos meninos fantasma, evoca ainda uma importante analogia com outro personagem conhecido: Peter Pan, o menino que não queria crescer. Em *Ghost Boys*, a autora recorre a essa referência para abordar a infância interrompida dos meninos. Peter Pan é conhecido como o garoto que nunca cresce, uma figura de juventude eterna. Contudo, a relação entre os personagens evoca um aspecto trágico: crianças negras como Jerome, cuja inocência e infância são prematuramente interrompidas.

“Last words”

*Bear witness. My tale is told. Wake. Only the living can make the world better. Live and make it better. Don’t let me (Or anyone else) tell this tale again. Peace out. Ghost Boy (Jewell Parker Rhodes, *Ghost Boys*)²⁰.*

Durante a narrativa, o leitor testemunha o poder de contar uma história, o que também altera a trajetória de Jerome em seu pós-vida. Em suas últimas palavras, vemos o processo de transgressão do personagem, cuja trajetória individual é ressignificada e integrada à história dos meninos fantasma. A frase: “*Bear witness*” (seja testemunha) traz em si uma poderosa mensagem sobre a importância de escutar e validar a história do outro, especialmente os relatos de dor e injustiça. Testemunhar

¹⁹ “I realize ghost boys, thousands of ghost boys, are trying to change the word. That’s why we haven’t said goodbye”.

²⁰ “Seja testemunha. Minha história foi contada. Desperte. Apenas os vivos podem melhorar o mundo. Viva e torne-o melhor. Não deixe que eu (ou qualquer outra pessoa) conte essa história de novo. Paz. Garoto Fantasma” (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p.203).

implica não somente ser um expectador, mas reconhecer, a importância de validar a existência do outro. O apelo de Jerome, “Apenas os vivos podem melhorar o mundo. Viva e torne-o melhor” (p. 203), exige o compromisso de agir frente às injustiças e de promover mudanças que alcancem, também, o coletivo.

Nesse movimento, compreendemos o papel de Sarah, filha do policial e única capaz de ver e conversar com Jerome. Ela simboliza o despertar da consciência social e da empatia. Sua capacidade de ver Jerome, enquanto outros não podem, representa a possibilidade de enxergar além das barreiras sociais e raciais, reconhecendo a injustiça. Sarah é a ponte entre o mundo dos vivos e o dos mortos, e sua jornada reflete a necessidade de quem está em posição de privilégio questionar seus pressupostos e os sistemas que perpetuam a violência racial. Para hooks (2021, p.247), “Ouvir as vozes e os pensamentos individuais uns dos outros, e às vezes relacionar essas vozes com nossa experiência pessoal, nos torna mais conscientes uns dos outros”. Assim, o papel de Sarah não é ajudar Jerome a compreender sua trajetória, mas despertar a si mesma, reconhecer e ressignificar sua jornada de privilégios, agindoativamente e assumindo o compromisso de garantir que histórias tristes como as de Tamir Rice²¹, Emmett Louis Till, Trayvon Benjamin Martin e tantos outros meninos negros não precisem ser contadas novamente.

Sussman (2014, p. 3), ao traçar o grande panorama histórico do racismo nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, reflete que é preciso desmistificar a ideia de que o racismo é um problema do passado. Tal perspectiva, também refletida por hooks (2021, p. 44), enfatiza que “Está claro que uma das principais razões por que não sofremos uma revolução de valores é que a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação”. Para a autora, tal perspectiva, perpetuada na nossa sociedade, é o que garante a falácia da igualdade social.

Ainda que Rhodes trate de questões sociais enfrentadas pela sociedade americana, tais reflexos, como observado por Lilia Katri Moritz Schwarcz (1993), demonstram que no Brasil teorias raciais, como o darwinismo social, positivismo e evolucionismo, introduzidas no país a partir de 1880, foram adaptadas para justificar a hierarquia racial, considerando grupos negros ou miscigenados como inferiores.

²¹ Tamir Rice, também citado na obra de Rhodes, foi um garoto afro-americano de 12 anos que foi morto a tiros por um policial em Cleveland em 2014, enquanto brincava com uma pistola de brinquedo. Sua morte gerou comoção nacional e se tornou parte do debate sobre a violência policial nos Estados Unidos.

As doutrinas racistas se tornaram um jargão comum até os anos 1930, influenciando a percepção social e intelectual sobre a questão racial no país, o que demonstra que a discriminação sustentada por estereótipos raciais não se limita geograficamente.

Ghost Boys é mais que um simples relato, é um chamado à resistência: “Os assassinatos vão parar?” (p.190) pergunta Jerome a Emmett. “Um dia. Tenho que acreditar, Jerome”. Além de um ato de resistência, o livro pode ser visto como uma lição de esperança contra a desumanização e a violência. A esperança de Jerome e Emmett se torna um símbolo da luta por justiça e igualdade. Ao escutarmos verdadeiramente, ressignificaremos não apenas nossa experiência pessoal, mas também as estruturas sociais que sustentam as desigualdades.

O papel da literatura infantojuvenil na discussão sobre racismo

One more Thing to do before I'm gone²².

Na literatura, desafiamos e confrontamos nossa própria existência, atingindo a camada mais complexa do ser humano: suas emoções. Além de transcender aspectos artísticos, a literatura tem caráter educativo, promovendo mudança social e formando leitores críticos desde a infância. O livro pode ser uma ferramenta poderosa para discutir racismo, injustiça e violência com jovens, preparando uma nova geração para enfrentar essas questões. A autora destaca que: Minha esperança é que pais e professores leiam *Ghost Boys* com seus filhos e alunos e discutam preconceitos raciais e tensões que ainda assombram a América. Através da discussão, da sensibilização e da ação social e cívica, espero que os nossos jovens sejam capazes de desmantelar o racismo pessoal e sistêmico (Rhodes, 2019, p. 206, tradução nossa).

De acordo com Van Dijk (2008), para muitas crianças, o contato com a diversidade cultural e étnica ocorre não pela vivência direta, mas por meio da mídia, livros didáticos e discursos sociais. Esse primeiro contato é crucial, pois influencia a formação de percepções e estereótipos sobre esses grupos. Quando as representações são superficiais ou preconceituosas, as crianças podem desenvolver visões distorcidas e simplificadas de culturas e etnias distintas. Assim, o autor enfatiza a necessidade

²² “Mais uma coisa a fazer antes de partir” (Rhodes, *Ghost Boys*, 2019, p.176, tradução nossa).

de revisar práticas racistas, incluindo a revisão curricular, já que é pelo processo pedagógico –currículos, livros didáticos, aulas e interações em sala–que a maioria das crianças e jovens entram em contato com os discursos vigentes.

Ao escrever *Ghost Boys*, Rhodes, autora negra, acredita no poder da transformação social através da educação de crianças e jovens: “As crianças são poderosas, vão mudar o nosso mundo para melhor e torná-lo mais justo e inclusivo”²³ (Rhodes, 2019, p.210, tradução nossa). O esforço educativo, em todos os níveis de educação, na promoção do respeito às experiências individuais dos grupos não brancos é também um ponto enfatizado por hooks (2021, pp. 51-52): “Os educadores têm de reconhecer que qualquer esforço para transformar as instituições de maneira a refletir um ponto de vista multicultural deve levar em consideração o medo dos professores quando se lhes pede que mudem de paradigma”.

É interessante discutir, então, como e se todas essas questões têm sido ensinadas, e se estão, ou não, livres de um currículo cultural dominante. Nas palavras de Steinberg e Kincheloe (2009),

Os primeiros multiculturalistas não discutiam equidade, ou mesmo justiça social; o primeiro trabalho feito na área simplesmente adicionava fragmentos de informação sobre *outras* pessoas enquanto primariamente se discutia a cultura branca, dominante. Conforme o multiculturalismo se tornava mais associado às políticas de educação e não somente outro conteúdo da disciplina, professores e acadêmicos começaram a chamar para um exame do multiculturalismo como uma disciplina em si (p. 3)²⁴.

Ainda acerca do ensino do multiculturalismo, aspecto muito relevante, não só no que concerne à educação, mas dada sua ênfase social, Bonnici (2011) coloca, em “Multiculturalismo e Diferença” que a formação dos alunos poderia começar com [...] variedades de identidades, sua (in) visibilidade, e os privilégios ou opressões evidenciados quando sua cultura é exposta. Nesse viés, os alunos começam a entender o que significa a construção da cultura, a importância da história do preconceito, a formação desta cultura, a responsabilidade histórica do

²³ “*Children are powerful, they are going to change our world for the better and make it more just and inclusive*”.

²⁴ “*Early multiculturalists didn’t discuss equity, or even social justice; the first work done in the area simply added on bits and pieces of information about other people while primarily discussing the white, dominant culture. As multiculturalism became more associated with the politics of education and not just another content area subject, teachers and scholars began to call for an examination of multiculturalism as a discipline unto itself*” (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 3).

preconceito, a formação do presente baseado no passado e a constituição do outro diferente (p. 332).

Também a esse respeito, Richard Race (2011), em seu livro “*Multiculturalism and Education*”, aborda questões e debates como: por que razão o multiculturalismo deve fazer parte da educação formal, a relação entre terrorismo, diversidade cultural e educação e o potencial da educação multicultural na cidadania, entre outros.

É Steinberg, entretanto, que mais se aprofunda na questão. Sua proposta é a de que professores se conscientizem destas diferenças em todos os âmbitos – não só de raça e etnia, mas também de classe e gênero. “Uma característica importante do [...] multiculturalismo envolve sua capacidade de examinar os domínios de raça e supremacia branca, gênero e patriarcalismo e socioeconômico” (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 5).²⁵

Dessa forma, os educadores, diante de todos esses eixos possíveis da discriminação, estariam mais preparados para compreender a dinâmica da vida diária: “os educadores devem entender não apenas as dinâmicas de raça, classe e gênero, mas também as maneiras pelas quais suas interseções no mundo vivido produzem tensões, contradições e descontinuidades no cotidiano” (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 6)²⁶.

Quanto a essa diversidade de fatores, Steinberg cita John Fisk (1993, como citado em Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 8), que apresenta o que ele chama de *powerbloc*, bloco de poder, em português. Tal termo é usado para descrever as formações sociais ao redor das quais as sociedades ocidentais são operadas. Há, então, três blocos propostos: elitismo de classe, supremacia branca e patriarcalismo.

A partir desses, ela propõe, de forma inovadora e muito interessante, que na educação não sejam enfocados apenas os aspectos de opressão, mas, com muito mais intensidade, os de privilégios recebidos por aqueles hierarquicamente superiores na estrutura da sociedade.

²⁵ “*An important feature of [...] multiculturalism involves its ability to examine the domains of race and white supremacy, gender and patriarchy, and socioeconomic [...]”* (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 5).

²⁶ “[...] educators must understand not only the dynamics of race, class, and gender but the ways their intersections in the lived world produce tensions, contradictions, and discontinuities in everyday lives” (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 6).

[...] multiculturalistas estão particularmente preocupados com os blocos de poder formados pelos eixos de poder associados a classe, raça e gênero: elitismo de classe, supremacia branca e patriarcado. Assim, por exemplo, eles estudam a supremacia branca por meio da branquitude, concentrando-se em seu privilégio, normatividade (sua capacidade de designar a si mesmo como padrão) e seu apagamento. Nesse contexto, uma pedagogia multicultural crítica induz as pessoas brancas a repensarem sua compreensão de sua própria etnia e a construção de sua consciência. Pede-se aos brancos que reformulem a branquitude em um contexto multicultural crítico que valoriza a justiça, o igualitarismo e a comunidade (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 10)²⁷.

Desse modo, com a compreensão de valores como justiça, já incorporados e assimilados, os alunos podem se sentir compelidos a estar numa posição incômoda, de injustiça perante o outro, trazendo consciência da discriminação latente na sociedade na qual está inserido.

O exemplo acima aplica-se a pessoas brancas, mas o mesmo raciocínio pode perpassar outros eixos: diferenças de classe, gênero, raça e assim por diante. Assim, o estudo do privilégio proposto pela autora contribuiria para a formação de pessoas com consciência crítica acerca do domínio exercido pelas dinâmicas de poder eivadas na sociedade.

A literatura, em seu processo humanizador, auxilia nessa educação, pois proporciona aos leitores a oportunidade de vivenciar diferentes perspectivas, emoções e realidades sociais. A prática pedagógica aliada à prática literária pode ser uma ferramenta potente de empoderamento e emancipação. A educação testemunha o seu papel transformador, capaz de evocar espaços de reflexão crítica e incentivar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao integrar a literatura como parte do processo pedagógico, abre-se um caminho que, por meio da sensibilização, pode romper estereótipos e contribuir para a formação de sujeitos capazes de desafiar os discursos hegemônicos. Obras literárias de autores e autoras negros e negras, assim como a de Rhodes, possibilitam que vozes historicamente silenciadas sejam ouvidas e compreendidas em profundidade, ajudando a construir uma sociedade mais igualitária, plural e consciente de suas diversidades.

²⁷ “[...] multiculturalists are concerned particularly with the power blocs formed by the axes of power associated with class, race, and gender: class elitism, white supremacy, and patriarchy. Thus, for example, they study white supremacy by way of whiteness, focusing on its privilege, normativity (its ability to designate itself as the standard), and its erasure. In this context, a critical multicultural pedagogy induces white people to rethink their understanding of their own ethnicity and the construction of their consciousness. It asks white people to reformulate whiteness in a critical multicultural context that values justice, egalitarianism, and community” (Steinberg & Kincheloe, 2009, p. 10).

Considerações finais

O presente estudo objetivou analisar a obra *Ghost Boys*, de Jewell Parker Rhodes, analisando a violência enfrentada por sujeitos negros desde a infância. A história de Jerome, que representa milhares de pessoas, evidencia como o racismo está enraizado na estrutura social. Assim, a literatura mostra-se como representação da realidade, tornando-se fundamental para contribuir no debate sobre a superação da discriminação. Em um engenhoso trabalho, a autora alterna capítulos em que a personagem está ora viva ora morta, tematizando a fragilidade dessas vidas, sempre em risco. O fato de termos a história contada a partir da vítima é algo bastante valioso, pois temos a perspectiva daqueles aos quais normalmente a voz não é concedida.

Por fim, vimos a importância da literatura, especialmente acerca desses temas, na educação. A escola deve ser o local onde os alunos possam estender seus horizontes, olhando para si e para os outros, entendendo locais de privilégio e opressão. Tal movimento contribui com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências

- Adichie, C. N. (2009, julho). The Danger of a single story. *Ted Talks*. Recuperado em 28 de setembro de 2024 em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story
- BBC News. (2020, dezembro 20). Como três mulheres criaram o movimento global Black Lives Matter a partir de uma hashtag. *G1 Mundo*. Recuperado em 28 de setembro de 2024 em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/20/como-tres-mulheres-criaram-o-movimento-global-black-lives-matter-a-partir-de-uma-hashtag.ghtml>
- Blank, R, Dabady, M., & Citro, C. (2004). *Measuring racial discrimination*. Washington: National Academies Press. Recuperado em 28 de setembro 2024 em: <https://doi.org/10.17226/10887>
- Bonnici, T. (2011). *Multiculturalismo e diferença*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá.
- Butler, J. (2004). *Precarious life: The powers of mourning and violence*. Rio de Janeiro: Verso.

Eco, U. (2009). *Seis passeios pelos bosques da ficção* (H. Feist, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Elan, P. (2021, fevereiro 27). Nine Years after Trayvon Martin's killing, hoodies still spark debate. *The Guardian*. Recuperado em 28 de setembro de 2024 em: <https://www.theguardian.com/fashion/2021/feb/27/trayvon-martin-hoodies-black-young-people>

Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida. (2012, março 23). *BBC News Brasil*. Recuperado em 28 de setembro de 2024 em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc

Hooks, B. (2021). *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. (M. B. Cipolla, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.

Iser, W. (2002). Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: L. Lima (Org), *Teoria da literatura em suas fontes* (2a ed., pp. 955-985). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Nelson, C. A. (2024). *Mar aberto*. Rio de Janeiro: Morro Branco.

Race, R. (2011). *Multiculturalism and education*. London: Bloomsbury.

Rhodes, J. P. (2019). *Ghost Boys*. Little, Brown Books for Young Readers.

Schwarcz, L. K. M. (1993). Uma história de “diferenças e desigualdades”. In L. M. Schwarcz (Org.), *O espetáculo das raças* (pp. 43-66). São Paulo: Companhia das Letras.

Steinberg, S. R., & Kincheloe, J. L. (2009). Smoke and mirror. In S. R. Steinberg (Org.), *Diversity and multiculturalism: A reader*. Lausanne: Peter Lang.

Sussman, R. W. (2014). Modern racism and anti-immigration policies. In R. W. Sussman, *The myth of race: The troubling persistence of na unscientific idea* (pp. 272-315). Cambridge: Harvard College.

Sussman, R. W. (2014). *The myth of race: The troubling persistence of na unscientific idea*. Cambridge: Harvard College.

Van Dijk, T. A. (2008). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto.

Submetido em: fevereiro de 2025

Aceito em: junho de 2025

Sobre as autoras

Camila Alves

Mestranda pelo programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), na área de Estudos Linguísticos, linha de pesquisa Ensino-aprendizagem de Línguas. Possui graduação em Letras - Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2009). Atua como professora de língua inglesa na educação básica (SEED - PR). Tem experiência na formação de professores com ênfase no ensino-aprendizagem de Língua inglesa. Áreas de interesse: Educação Linguística, Pesquisa-ação, letramento crítico, ensino-aprendizagem de língua inglesa e formação de professores.

E-mail: acamila@escola.pr.gov.br

Geniane Diamante Ferreira Ferreira

Graduada em Letras Português-Inglês pela UEM, Mestre e Doutora em Letras com foco em Estudos Literários pela UEM. Atua como professora Adjunta de Literaturas em Língua Inglesa na Universidade Estadual de Maringá na graduação e na Pós-Graduação em Letras (PLE-UEM). Autora de capítulos de livros e artigos científicos publicados em diversas revistas. É coordenadora adjunta do grupo de pesquisa GEMUP - UEM e coordenadora do projeto de pesquisa “Literatura e o Sujeito Diaspórico” e dedica-se a pesquisas relacionadas à Literatura pós-colonial que abranjam temas como identidade, multiculturalismo, diáspora, racismo e feminismo negro.

E-mail: gdfferreira@uem.br